

## **Decolonialidade Crônica: Análise Comparativa de Nelson Rodrigues e Anderson França<sup>1</sup>**

Luana de Abreu CAVALCANTI<sup>2</sup>

Raabe de Andrade SANTOS<sup>3</sup>

Nísio TEIXEIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar a crônica enquanto instrumento de construção da memória brasileira, passando pela multidimensionalidade enriquecedora do gênero, até as aplicações atuais da era digital. Como método de exemplificar a ruptura da escrita dos padrões europeus, desenvolvemos uma análise comparativa de dois cronistas brasileiros de gerações diferentes. Perpassa-se pelos escritos Nelson Rodrigues publicados no Jornal O Globo ao longo das décadas de 1960 e 70, paralelamente ao trabalho de Anderson França, de 2010 até os dias atuais, em suas publicações nas plataformas digitais, na Coluna de Terça e na seleção do livro “Rio em Shamas”. Apesar das barreiras sociais e temporais que os dividem, o objetivo do artigo é compreender justamente como a escrita de ambos são ferramentas de construção do pensamento brasileiro e, portanto, de uma memória decolonial.

**Palavras-Chave:** crônica; jornalismo; literatura; decolonialidade; memória.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Intercom Junior- Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: [luanadeabreu@ufmg.br](mailto:luanadeabreu@ufmg.br)

<sup>3</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, e-mail: [raabeandrade.jorn@gmail.com](mailto:raabeandrade.jorn@gmail.com)

<sup>4</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: [nisiotei@ufmg.br](mailto:nisiotei@ufmg.br)

## 1. O Gênero Crônica

A relação entre o homem e o discurso é mediada pela linguagem, através do texto, e permite a construção do diálogo e das relações interpessoais. O indivíduo só consegue participar e agir no mundo por meio de uma linguagem contextualizada social e historicamente. Segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin, todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso da linguagem, portanto, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p 262).

A análise dos gêneros nos permite observar o funcionamento do discurso como fato histórico/cultural, na busca de compreendermos como se realiza na língua e vice-versa. Ao analisarmos o enunciado sob a perspectiva do dialogismo estaremos observando mais o contexto comunicativo e a cultura do que propriamente a palavra. A crônica, nesse sentido, é um gênero privilegiado, pois nos permite compreender a relação entre a história da sociedade e a história da linguagem.

De acordo com o professor Antônio Cândido:

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO. 1992, p.13)

Na crônica, permanece a ideia de narrar o ocorrido em um intervalo de tempo, de registrar o que já passou a partir da observação direta dos acontecimentos. Em 2002, o autor José Marques de Melo aponta:

A crônica histórica assume, portanto, o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares (MELO, 2002, p. 140).

O narrador da crônica é o próprio autor, que se coloca em posição de repórter e constrói um monólogo comunicativo, conversando diretamente com o leitor acerca daquilo que, como afirma um personagem de Rubem Braga, um dos maiores cronistas brasileiros, é

escasso nas notícias veiculadas nos jornais: a vida. Tendo como primeira casa as páginas acinzentadas, a crônica herda, além do seu alcance, sua precariedade, a durabilidade efêmera do que nasce no início da leitura e morre ao findar do dia. O jornal físico tem durabilidade de 24 horas, portanto, o cronista há de cumprir seu papel de ocupar breves momentos de tregua em meio ao excesso de urgências dos leitores. A rapidez no âmbito da produção traz maior liberdade sintática e temática para a crônica, fazendo uso de uma linguagem, ainda que lírica e ocupando espaço jornalístico, coloquial.

## 2. Caráter Decolonial

Com matérias jornalísticas cada vez mais focadas na informação, na rapidez e objetividade, o cronista desempenha função de produção de pensamento e influência de opinião. Segundo Jorge de Sá, a linguagem jornalística desempenha a função poética de explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar o que está sendo contado com emoção semelhante ao narrador-repórter. É possível compreender, portanto, o exercício de escrita da crônica como instrumento de construção de memória, já que narra o ocorrido a partir da perspectiva do autor e é reproduzida para outros não presentes na ocasião.

(...) a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade- conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte- é feita de pequenos lances. (SÁ, 1985. p. 6.)

Até o século XVIII, no entanto, essa prática de descrição do circunstancial ainda funcionava apenas como relato histórico, como nas circunavegações com as cartas de depoimentos enviados à Coroa, contendo uma relação marcada pela assimetria entre autor e leitor, necessariamente subserviente. A roupagem semântica da palavra só foi adquirida a partir do surgimento do pensamento da realidade do país pelo ângulo brasileiro, libertando-se dos padrões lusitanos e se aproximando do gênero que conhecemos hoje, que vive no espaço em comum existente entre o jornalismo e a literatura.

É necessário entender a colonização como um processo inacabado, principalmente se tratando do território da América Latina, portanto, compreender a decolonialidade é levar em

conta as novas formas estruturais de poder do capitalismo. Segundo o pesquisador argentino Walter Mignolo, a colonialidade, além de apresentar-se como a pobreza, a opressão, a subjugação dos subalternos, atrela-se tanto a artificios que colonizam o saber e o ser por meio de um discurso eurocêntrico. Aníbal Quijano, sociólogo peruano que elaborou o conceito de colonialidade do ser, enfatiza que a dominação colonial não se limitou apenas à exploração econômica e política, mas também influenciou a maneira como as ideias, os valores e os saberes foram moldados.

As barreiras invisíveis de dominação perpassam pelo impedimento da consolidação de uma epistemologia própria. Assim, o movimento decolonial não só requer a transformação das estruturas de poder, mas também a reavaliação e o resgate dos conhecimentos, das perspectivas e das epistemologias locais que foram historicamente subjugados. Dessa forma, pensar o território brasileiro a partir do olhar do Brasil, isto é, falar de uma visão própria sobre as situações vividas e observadas, que é ideia de narrador-repórter inserida na crônica, possui, por essência, uma lógica decolonial de construção de pensamento próprio, que resiste mesmo atravessados pelas dinâmicas de poder eurocêntricas.

No Brasil, depois de 1860, passa a existir um grande número de jornalistas e escritores que praticam a crônica e lhe dão a dignidade de gênero literário, com poesia, humor e dialogismo, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, e posteriormente, a partir de 1900, Lima Barreto, Rubem Braga, Raquel de Queirós, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade, que buscam construir, a partir de suas especificidades, uma dimensão poética quanto ao registro jornalístico dos fatos que marcaram sua época. Um marco na construção da crônica brasileira foi o pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), João do Rio, que construiu uma nova sintaxe ao se dirigir ao local dos fatos, tal qual um repórter, para dar mais vida ao seu próprio texto. Imprimindo a vida carioca da perspectiva das ruas, da dualidade entre morros e ambientes refinados, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano, que dá essa roupagem literária ao texto, abrindo-o para a recriação do real.

### 3. As Confissões

Como seria o mundo se Nelson Rodrigues não tivesse nascido? A pergunta sugerida pelo próprio autor na crônica “O direito de não nascer” ilustra o caráter pessoal de sua escrita, assim como a sua relevância no cenário literário e jornalístico. Nascido no Recife em 1912, Nelson Falcão Rodrigues foi o quinto dos 14 filhos de Maria Esther e Mário Rodrigues, no entanto, têm a maioria de suas vivências localizadas no Rio de Janeiro, para onde se mudou aos 5 anos juntamente à família quando o pai foi tentar a vida como jornalista. A realidade da Zona Norte carioca, onde a família viveu, com suas tensões morais e sociais, serviu como inspiração para a construção de personagens memoráveis e o lirismo trágico das histórias do escritor. Ingressou no jornalismo aos 13 anos como repórter policial em A Manhã, um dos jornais fundados por seu pai. Desde então trabalhou nos mais diversos jornais e revistas, assinando artigos e crônicas, como a popular e discutida coluna “A Vida Como Ela É...”, que levava o erotismo para as páginas frias, e também as suas crônicas esportivas, onde construía grandes heróis nacionais na união da chuteira com a caneta. Um exemplo atemporal é “Complexo de Vira-Latas”, publicada em maio de 1958 na Manchete Esportiva, logo antes da vitória do Brasil na Copa do Mundo do mesmo ano. A crônica cunhou o termo utilizado até hoje que retrata a sensação de inferioridade do brasileiro acerca de si mesmo, afogado em uma lógica colonial que nos leva a ser pessimistas no futebol, muitas vezes torcendo contra nossa própria seleção, e conseqüentemente replicando essa atitude na vida.

Nelson foi consagrado principalmente pela sua atuação como dramaturgo, revolucionando a maneira de se fazer teatro no Brasil com suas peças chocantes que provocavam tanto admiração, quanto repugnância e ódio, sentimentos alimentados pela sua personalidade polêmica e inclinada a autopromoção, classificando suas próprias peças como “desagradáveis”. Falecendo em 1980, Nelson deixou como legado 17 peças que o colocam entre grandes nomes do teatro brasileiro e universal, despertando várias sensações, mas nunca a indiferença.

Para compreender Nelson Rodrigues, há que se considerar a ambivalência do autor, que se abre a uma percepção do mundo bastante libertária, ainda que dentro de sua perspectiva ultraconservadora. O professor e diretor teatral Antônio Toscano considera Nelson pioneiro em uma voz de modernização do drama brasileiro.

Ao abordar essa face urbana de uma sociedade brasileira carioca, em que os comportamentos são cada vez mais desafiadores em relação a uma ordem moral arcaica e rural, ele é o inaugurador de uma fala que tem um ritmo próprio da cidade, uma prosódia que não busca nenhum tipo de literatice e que tenta flagrar a vida cotidiana de um modo muito objetivo. O diálogo rodrigueano é ágil, tem uma rítmica que, de certo modo, mimetiza a pressa da cidade. (TOSCANO, 2022, n.p.)

Como cronista, Nelson escreveu para jornais como Correio da Manhã, O Jornal, Última Hora, Manchete Esportiva, Jornal do Brasil e, no fim da vida, O Globo, levando em seus textos a ironia e imoralidade latentes na vida carioca, subvertendo os padrões jornalísticos da época e construindo uma semântica autêntica e brasileira por essência. As crônicas publicadas nesse último jornal entre as décadas de 1960 e 1980 serão objetos de estudo desse artigo.

É necessário, inicialmente, traçar o perfil editorial do Jornal O Globo. Fundado em 1925 por Irineu Marinho, faz parte do Grupo Globo, e define o seu jornalismo como uma atividade que produz conhecimento. Segundo o site do próprio jornal, cabe a um cronista comentar a realidade impregnado de seu subjetivismo, e um jornal deve conter a presença de tendências variadas de maneira a contradizer opiniões. O Globo foi apoiador da ditadura militar no Brasil, assim como Nelson Rodrigues, anticomunista e reacionário declarado, mesmo sendo um libertário assumido. No entanto, é impossível realizar uma leitura rasa do escritor, tendo que considerar, ademais, o cenário de transformações sociais aceleradas do período do auge de sua escrita, e mesmo com sua posição política consolidada, sua humanidade não aceitava a submissão do indivíduo a qualquer regime totalitário. Foi justamente em um episódio de prisão do seu filho Nelsinho, que viveu um período de militância no grupo revolucionário MR-8, que o pai mudou sua postura ao descobrir que ele havia sido torturado, assim, passou a utilizar sua proximidade dos militares para libertar jovens de esquerda prisioneiros do regime. Mais adiante, Nelson integrou à luta pela Anistia.

Não foi somente a tortura da ditadura que irritava o dramaturgo, apesar de utilizar o espaço de suas crônicas para ironizar e debochar de líderes de esquerda, Nelson declara sua revolta com a censura e o chamado “copydesk” em 1968, ano marcante no regime, quando teve um texto seu alterado antes da publicação pelo que ele chamou de “figura demoníaca da redação”. Em “Os Idiotas da Objetividade”, publicada n’O Globo, Rodrigues explicita sua

indignação com a “usurpação da volúpia autoral e estilística” presente nos ambientes de jornal, transformando as notícias em cada vez mais objetivas e sem emoção, com manchetes desumanizadas e textos objetivos, o que, na opinião do autor, era um movimento de idiotização do público e desrespeito profundo com o trabalho do escritor.

Nelson utilizava o espaço do jornal para criticar o próprio veículo, o que marca sua insubordinação, assim como a utilização da “metacrônica”, que se trata de se escrever sobre o próprio ato da escrita, compartilhando os desafios da linguagem com o público. Esse movimento semântico marca a dinâmica de diálogo e produção de pensamento inerente ao gênero, que se mostra presente até hoje em novos formatos.

#### 4. Escrevivências

No final do século XX e início do século XXI, principalmente com o surgimento e democratização do acesso à internet, as crônicas ganham uma nova casa, agora sem o descarte do papel, na perenidade ainda maior do mundo digital. Os parágrafos, que seguem presentes nas páginas de jornal, desabrocham e se libertam das normas da redação, ocupando agora os textões de Facebook, legendas de Instagram, publicadas em blogs e ganhando até adaptações nos meios audiovisuais.

A crônica não reflete nem espelha alguma realidade. Ela é parte constitutiva do que se considera realidade, na medida em que nomeia, aponta, discute, analisa e transforma. Para tanto, os cronistas recorrem da leveza, da síntese narrativa para conquistar os leitores. Não é um gênero estático. Encontra-se em movimento de transformação e se adequa às mais diversas situações, cenários, temáticas abordadas e às especificidades que os próprios autores imprimem às suas crônicas. (CAVALCANTI, 2018, p5)

Não é mais necessário o aval de um veículo renomado para poder expressar suas angústias e alegrias cotidianas, a publicação está sempre a dois cliques de distância, o que possibilita que novas narrativas sejam compartilhadas e observadas. A democratização da escrita e o amplo acesso torna viável, por exemplo, o surgimento de cronistas e formadores de opinião de origem periférica, que justamente pela ausência de vínculo editorial e pela velocidade de reprodução das redes, podem emitir suas revoltas ácidas simultaneamente à ocorrência das polêmicas.

Um dos rostos das crônicas publicadas nas redes e uma das maiores vozes negras da atualidade, ao lado de Djamila Ribeiro e René Silva, é Anderson França. Nascido em 1974 em Madureira (RJ), seis anos antes da morte de Nelson Rodrigues, Dinho – apelido dado por sua tia Doroteia-, é filho da pernambucana Madá e evangélico. Já foi vendedor de quentinhas, planos de saúde, revistas e camisetas, deu aulas de violão, foi porteiro e estagiário de escritório de advocacia, qualquer coisa que lhe desse algum dinheiro e garantisse a sobrevivência, uma luta diária para quem nasceu na Zona Norte do Rio de Janeiro. Essa região, no entanto, já foi casa de grandes artistas como Chacrinha, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Nelson Rodrigues, só foi degradada e desprestigiada nos anos 1980, quando foi esquecida pelo poder público, o Comando Vermelho tomou conta, e posteriormente, as milícias.

Anderson relata que teve uma infância conturbada: como os pais não tinham emprego fixo, viviam se mudando, passando por Madureira, onde nasceu e transitou por praticamente todas ruas do bairro, depois Cavalcante, onde tem suas primeiras lembranças, Cascadura e por fim Méier. Em entrevista a Cláudia Tajés, o autor descreve os moradores da região em que cresceu:

Essa galera toda que a gente vê na Zona Norte é tudo descendente de escravo e de nordestino. Não tem carioca da gema; todos têm raiz em Alagoas, Ceará, Pernambuco, Bahia. É ‘diferença’ da Zona Sul, onde a galera vem de outros Estados ou de outros países. O único europeu que botou os pés na Zona Norte foi o português iletrado, aquele que vai vender vassoura, abrir padaria, açougue, alugar casas.” (FRANÇA, 2019, n.p.)

É a partir das memórias de uma criança para quem a Zona Norte era o mundo que Anderson escreve o livro “Rio em Shamas”, contando seu olhar sobre as igrejas, escolas municipais, namoradas, contato com música e até o entendimento do distanciamento racial. O Rio de Janeiro, na infância de Dinho, era o que uma família da Igreja Batista Tradicional permitia viver. Assim, foi entendendo que as pessoas que viviam ali estavam à força ou abandonados, compreendeu a solidão, a ausência de paternidade, a violência e a tristeza. Na crônica “Santa Cruz”, publicada no seu livro, Anderson relata as longas horas que vivia no trem por viver em um bairro muito distante, e cita uma frase que ouviu certa vez de sua mãe: “Cavalcante é muito longe, Satanás não vem aqui não”. Já em “Síntese”, o autor utiliza o princípio fundamental da crônica, a observação e registro do entorno. Assim, redige um

parágrafo em que transcreve uma conversa entre domésticas aguardando no ponto de ônibus, onde criticam os abusos e relatam suas realidades - incide ali, para ele, a síntese do mundo.

Com muito humor e irreverência, França conquista alcance para sua escrita nos textos de Facebook, marcados por uma linguagem própria, que em 2016 foram selecionados e publicados como livro, o já citado e grande referência para esse artigo, “Rio em Shamas”. Ao longo de sua trajetória, já com maior visibilidade, e sempre na busca por sobrevivência, como empreendedor criou o Dharma ACC, agência de publicidade na Maré, realizou o primeiro TED numa favela carioca e criou a maior escola de negócios populares do Rio, a Universidade da Correria. Em julho de 2017, devido ao seu posicionamento explícito e a denúncia das violências policiais sofridas na periferia, Anderson se tornou alvo de diversas ameaças de morte. Desde 2018 vive em exílio político na Europa, inicialmente em Portugal, e em 2022, quando também foi ameaçado lá, mudou-se para Paris, na França. Nas redes sociais narra seu cotidiano nada glamoroso no velho continente através de suas crônicas ácidas e nas lives que grava de madrugada, quando não está ocupado trabalhando com em serviços variados que o rendam algum dinheiro, juntamente a sua esposa, a catarinense Suelen, que o acompanha desde 2013.

Atualmente, Anderson possui o seu próprio veículo de comunicação, a Coluna de Terça, plataforma independente que mantém por meio de pix de a partir de 50 centavos enviados pelos leitores. O autor, entretanto, também marcou presença no jornalismo tradicional com uma coluna na Folha de São Paulo até 2020, quando foi demitido ao comentar acerca dos escândalos de corrupção no mundo sertanejo. Apesar de defender a importância do jornal em um momento que sofria ataques do então presidente, Anderson aponta que recebia ordens para não utilizar “palavras chulas” e muitas vezes tinha que insistir para ter suas colunas publicadas. Hoje, possui liberdade completa de escrita na Coluna de Terça, e os recursos recebidos via pix ajudam a manter uma equipe remota de 7 pessoas, envolvendo gestão, jurídico, contabilidade, redes, design e colunistas, que, segundo o próprio, são mais bem pagos do que na Folha. Também diferente dos grandes jornais, França preza pela democratização do acesso ao pensamento estratégico de luta, portanto, seus textos são disponibilizados no Instagram, Facebook e no site da Coluna de Terça de forma gratuita.

Reconstruindo esse gênero em constante movimento, Anderson marca uma geração que se aproxima da base e amplia os caminhos, dando voz ao subalterno e criando o que a

poeta mineira Conceição Evaristo chamaria “escrevivência”- a narração de histórias silenciadas. Esse termo enfatiza a ligação intrínseca entre a experiência pessoal e a criação literária, permitindo que os escritores expressem suas histórias autênticas, suas culturas e a complexidade de suas identidades, se desprendendo de limitações coloniais de poder e saber intrínsecas na nossa epistemologia e possibilitando a construção de uma literatura diversa e representativa

## **5. O Encontro De Instantes**

Além da origem pernambucana atravessada por vivências cariocas, a singularidade de estilo linguístico nesse gênero brasileiro por essência é a principal característica que conectam Nelson Rodrigues e Anderson França. Apesar das barreiras sociais e temporais que os dividem, o objetivo desse artigo é compreender justamente como a escrita de ambos são ferramentas para construção do pensamento brasileiro e, portanto, de uma memória decolonial. Para isso, iremos comparar as crônicas publicadas pelos autores separadas por ao menos meio século.

### **a) Religiosidade**

Em janeiro de 1968, Nelson Rodrigues publicou no jornal O Globo a crônica “A Grande Utopia de um Homem é Achar um Ouvinte”. Com marcador temporal do período ditatorial, o escritor narra um sarau de grã-finos em que um jovem padre faria um discurso inflamado acerca de sua indignação com os militares ocupando a presidência. O cenário e o orador religioso foram pontapé para o assunto principal da crônica, a Igreja, ou a visão do narrador acerca dela, seguindo uma linha de raciocínio dos seus pensamentos, retorna a infância, onde percebeu escancarada a imoralidade presente naquele ambiente supostamente sagrado, e percebe que a função verdadeira ali era o simples e, ao mesmo tempo tão raro, ato da escuta.

A igreja da minha infância era exatamente o sussurro. Na confissão, o homem era ouvido por uma catedral. Eis o que importa: - ser ouvido. (Na vida real ninguém nos ouve; somos surdos uns para os outros.) A utopia de cada qual é encontrar um ouvinte. Nada mais. Uma das figuras decisivas de nossa época é o psicanalista, e por quê? Em

cada sessão de 45 minutos, ele nos ouve. Está ali, ouvindo o ruído de nossa alma. Portanto, vale um milhão por mês. O médium é o ouvinte do que morreu. A igreja vazia era também a ouvinte: - ouvia o eterno, e ouvia o sagrado, que estão enterrados em nós. (NELSON, 1968, p176)

Paralelamente, em julho de 2021, Anderson França publica na Coluna de Terça o texto “É Fácil ser Ateu no Leblon”, constatando um recorte social para a religiosidade. Parte de uma família crente, o autor possui um olhar de dentro, analisando sem os preconceitos inculcados no meio intelectual acerca da religião evangélica, extremamente presente principalmente em regiões periféricas que sofrem com a escassez. França argumenta que o fenômeno religioso no Brasil está fundamentalmente associado a desigualdade, e que, se houvesse mais educação, direitos básicos, emprego, saúde e cultura, possibilitando uma realidade digna para a população, menos cruel e violenta, provavelmente não haveria tantas Igrejas, ambientes que as pessoas vão à procura de respostas.

### **b) Gratidão**

Em “Lobo do Homem”, publicado no livro Rio em Shamas, França comenta sobre as relações de troca a partir da sua realidade que perpassa por diversos serviços de base, como porteiro ou no serviço de *catering*, colocando avental para servir e limpar. O autor inicia o texto com o questionamento “Não sei se você diz ‘obrigado’ pra tia da limpeza.”, e diz acreditar que um dos melhores exercícios para pessoas em altos cargos ou intelectuais soberbos seria tirar um dia da vida para servir cafézinho, pois assim seria possível observar com alteridade esses serviços invisíveis aos olhos daqueles que julgam as pessoas como “acima” ou “abaixo” de nós. Ao utilizar o avental, ninguém ali sabe que ele é o mesmo que atinge milhares de pessoas com sua escrita e, portanto, na vida “real”, fora da internet, continua invisível.

Enquanto França observa o ato de agradecer como o reconhecimento da dinâmica de troca nas relações, rompendo com a lógica hierárquica, Nelson acredita que o contentamento com uma mísera palavra é fruto da falta de autoestima do brasileiro. Em “Vaca Premiada”, crônica publicada em 68, escreve:

Cada um de nós carrega um potencial de santas humilhações hereditárias. Cada geração transmite à seguinte todas as suas frustrações e misérias. No fim de certo

tempo, o brasileiro tornou-se um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: - não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima. Um simples "bom-dia" já nos gratifica. Nunca me esqueço de minha iniciação jornalística. Trabalhei num jornal que não pagava. Mas o diretor, um escroque perfumadíssimo, e, insisto, mais cheiroso do que uma cocote, era o gênio do cumprimento. Não passava por um funcionário sem lhe apertar a mão, e sem lhe sorrir, e sem lhe piscar o olho. E o cumprimento do chefe era, para o repórter ou para o faxineiro, a própria remuneração." (RODRIGUES, 1968, p178)

Ainda que abordando o mesmo tema, os autores observam a situação a partir de uma visão social diferente, no entanto, complementar.

### **c) Feminismo**

Em 1971, no início de uma década marcada pelo avanço do movimento feminista, que questionava as imposições sociais, lutavam pelo direito ao voto e à liberdade sexual, Nelson Rodrigues mostrava seu lado conservador. No texto “Inimiga Pessoal da Mulher”, publicado no O Globo em abril, o narrador se refere à norte-americana Betty Friedan, feminista e escritora do livro revolucionário “A Mística Feminina” (1963), no qual critica o modelo tradicional de feminilidade e questiona o papel das mulheres na sociedade, um marco no impulsionamento da segunda onda do feminismo nos Estados Unidos. Utilizando do deboche na escrita, Rodrigues ironiza o movimento feminista, segundo ele “se a mulher é menos mulher, o homem será menos homem”, assim, a luta por igualdade de direitos torna a dinâmica entre os gêneros tediosa e que a ideia do feminino seria questão da natureza e não da “sociedade de consumo”, como Friedan argumenta. Para ilustrar, Nelson ainda utiliza de um exemplo de uma jovem redatora do jornal, se referindo a ela como “boneca” e a congratulando por abraçar os padrões sociais de feminilidade. Há que se considerar o momento em que o texto está inserido, quando ainda estavam no embrião das discussões de gênero, assim, não é surpresa alguma as colocações sexistas de Rodrigues.

Por outro lado, exatos 50 anos depois, Anderson França avança alguns passos na discussão, que não deixa de lado o teor polêmico. Em 2021 compartilha o texto “Não Mexe Comigo que Eu Li uns Posts” no site da Coluna de Terça, onde o autor questiona o movimento feminista branco e elitista presente nas redes sociais que, segundo ele, não aceita verdades ou críticas e tem suas opiniões rasas formadas e disseminadas na internet. Com uma foto de capa de uma criança branca e loira berrando em choro, Anderson enfatiza:

Há uma diferença entre criticar a *existência* de um feminismo, e criticar para que ele *se aprimore para alcançar mais marginalizadas e marginalizados*. Mas tem uma coisa que esse pessoal não gosta: ser criticado. Entendem a crítica como ataque a sua existência, e dramatizam a dor, a estética da violação, principalmente em debates e acusações nas redes. Eu considero infantil. E é. (FRANÇA, 2021, n.p, grifos do autor)

#### d) Morte

A talvez maior das questões da humanidade, não poderia deixar de ser um ponto de discordância entre os autores. Nos anos que antecederam sua partida, que ocorreria no ano de 1980, aos 88 anos, Nelson Rodrigues escrevera muito sobre a morte. Em 1977, demonstrava seu medo de ser substituído por uma nova geração de jovens desprovidos da sua genialidade, no entanto, admitia que seu auge, ali pelos 40 anos, já havia passado há tempos. Nas crônicas publicadas no jornal O Globo, “Não se deve morrer antes, nem depois” e “Os imbecis não tem medo da morte”, um dos grandes gênios do país parece se despedir se colocando como tal, acreditando na eternidade da alma e, ainda, declarando que “um país só é grande quando tem um grande homem para enterrar”. Se Nelson estiver correto, talvez finalmente possamos considerar o Brasil esplêndido.

Maior seria nosso esplendor, no entanto, se tantas potências não fossem minadas pela desigualdade histórica do país. Como homem negro e periférico, a visão de Anderson sobre a morte se difere de Nelson. Enquanto um se amedronta com a possibilidade do esquecimento de sua produção intelectual, o outro tem de pensar na realidade que o aproxima de uma bala perdida e necessidade de comprovar, em memória, que não estaria ligado a criminalidade. De maneira irônica e bem-humorada acerca de um tema cruel, em “RGPB”, crônica inserida em seu livro, França imagina a possibilidade futura da existência de um novo documento:

*O Registro Geral das Pessoas de Bem*, a ser assinado por um avalista, um cidadão de classe média que, por ser ouvido na sociedade, pode dar esse crédito ao morador de favela, que, como todos sabem, *naturalmente* tem tendência a ser bandido ou puta (FRANÇA, 2016, p62, grifos do autor)

A maneira criativa, leve e, ao mesmo tempo, incisiva de Dinho nos faz refletir sobre situações cotidianas que muitas vezes não nos atravessa por vivermos em realidades distintas. Ao elevar o instante ao discurso, o cronista permite a reflexão, transformando a brevidade na complexidade das dores e alegrias que permeiam a vida e a literatura.

## 6. Conclusão

A intimidade, a história do cotidiano e a possibilidade de sentidos outros são transpostos às crônicas de Nelson e Anderson, que atravessam décadas, sendo lidas e relidas por todas as gerações, publicadas em páginas de Facebook ou jornais de circulação nacional, em revistas, em livros, mas que vivem sob o movimento da linguagem e do discurso. A novidade contemporânea de liberdade de escrita e amplo alcance possibilita o acesso a novas narrativas, em decolonialidade crônica, dando visibilidade a vozes e cotidianos historicamente excluídos, mas ainda com a acidez e autenticidade que se via em grandes gênios do passado.

Dinho, com sua atualidade, navega pelas periferias do mundo digital encontrando novos assuntos e formas de se comunicar com um público cada vez mais diverso, dotado de opinião e poder de interlocução. Em um momento histórico de excesso de informações e medos, o cronista surge como um respiro de autenticidade em meio a um mar de replicações, trazendo seu tom assertivo e sempre polêmico, revivendo o estilo rodrigueano de humor e insubordinação, acrescentando uma pitada própria de escrevivência. Correspondente de guerra, como o mesmo se auto intitula, Anderson representa um caminho para as crônicas na contemporaneidade, trazendo suas narrativas cotidianas entrelaçadas aos acontecimentos sociopolíticos veiculadas em tempo real e grande alcance.

Nelson, por sua vez, se vivo hoje, certamente se indignaria com a idiotização e objetividade que regem as redes sociais. Mesmo que sejam necessárias as críticas a reprodução de dinâmicas de poder estruturais da sociedade, há que se considerar a impossibilidade de ignorar o fenômeno digital na comunicação. Nas plataformas moram o novo jornal, com novos formatos e figuras, e faz-se necessário compreendê-las como um espaço que viabiliza dinâmicas sociais, buscando atualizar o *modus operandi* sem perder a irreverência.

Afinal, os novos e diversos formatos oferecem continuidade ao que é constitutivo à crônica: permanecer em movimento, confrontando a história, o jornalismo e a literatura. Como define a doutora em Linguística Aplicada, Silvânia Siebert: “Talvez o sentido da crônica brasileira seja este: causar o estranhamento, desestabilizar, fazer do incerto seu tempero mais genuíno e, em sua errância, buscando outros discursos para participar de sua trama.” (SIEBERT, 2014, p9).

## Referências

ARRIGUCCI JR, D. Fragmentos sobre a crônica. Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 51p.

CAVALCANTI, Erinaldo. Crônica, história e política em tempos de ditadura militar: embates e combates no campo da escrita (pe, 1960-1968). 2018. Disponível em: <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/434/407>. Acesso em: 28 abril 2023.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. Belo Horizonte, 2018.

FERREIRA, Raquel Linhares. O gênero crônica e suas peculiaridades tipológicas: texto e discurso nas modalidades oral e escrita. São Paulo, PUC-SP, 2015, 95p.

FRANÇA, Anderson. Rio em Shamas. Rio de Janeiro: Objetivo, 2016, 1ed.

FRANCO, Marcella; SANTOS, Valmir. Nelson Rodrigues foi mais do que um tarado e reacionário. Exame, São Paulo, 1 fev. 2012. Disponível em: <https://exame.com/casual/nelson-rodrigues-foi-mais-do-que-um-tarado-e-reacionario/> Acesso em: 4 de jun. 2023

GOULART, Patrícia. A Verdade E A Verdade Da Ditadura: Relação de imprensa e Estado no regime militar a partir de duas vertentes. Brasília, 2006, 38p.

OLIVEIRA, Elizabeth; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. Boletim Historiar, vol. 08, n. 01, Jan./Mar. 2021, p. 97-115 | <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/index>

PAIVA, Diogo. Nelson Rodrigues: o anjo pornográfico. Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 02 de Set, 2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/en/node/2468> Acesso em: 04 de jun. de 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Ricardo. Folha demite Anderson França depois de crítica a sertanejos e artistas que ajudam Bolsonaro. Revista Fórum, São Paulo, 30 de Abril de 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2020/4/30/folha-demite-anderson-frana-depois-de-critica-sertanejos-artistas-que-ajudam-bolsonaro-74124.html> Acesso em: 03 de junho de 2023.

RODRIGUES, Nelson. 1912-1980. O melhor de Nelson Rodrigues: teatro, contos e crônicas/ 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.

SILVA, H. V. C. A metalinguagem em crônicas brasileiras. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 375-388, 2021.